

Caderno



Revista de Cultura do
Diário Oficial do Espírito Santo

Ano VI - n.º 35 • Vitória-ES • Setembro de 2016 • Bimestral



O FESTIVAL DE CINEMA DE VITÓRIA E O FEMINISMO

Páginas 3 a 5

A ARTE QUE AJUDA NA RESSOCIALIZAÇÃO DE DETENTOS

Páginas 10 e 11

Talento coletivo

Hilal Sami Hilal inova com a exposição Constelações, no
Palácio Anchieta, e divide obra com alunos de escolas públicas

Páginas 6 a 9

A arte que **contamina**



Foto: Arquivo Secult/Danilo Ferraz

O envolvimento e a participação de alunos da rede pública na obra principal da exposição *Constelações*, de Hilal Sami Hilal, um dos mais importantes artistas plásticos do Espírito Santo, e os trabalhos de ressocialização da Secretaria de Estado da Justiça (Sejus), com muitas ações relacionadas a oficinas de manifestações artísticas, são bons exemplos de como a arte pode ser transformadora e ajudar a melhorar a autoestima e desenvolver a cidadania.

A proposta de discutir o afeto, a partir de uma obra de arte, e a empolgação de adolescentes que participaram do projeto que culminou com a exposição *Constelações*, no Palácio Anchieta, demonstram a importância desse contato com a arte

para os alunos. Uma equipe multidisciplinar atuou para que o trabalho tivesse o melhor efeito possível para o estudante e para o público.

Na Sejus, as oficinas de arte ajudam, inclusive, no desenvolvimento de uma nova profissão, que pode ser explorada durante o período de detenção, com redução proporcional da pena, e depois, quando da volta à liberdade.

Nesta edição, destaque também para o Festival de Cinema de Vitória, que, apesar da crise econômica, chega ao seu 23.º aniversário com recorde de inscritos e cada vez mais antenado com os temas atuais – o evento deste ano traz a Mostra Mulheres no Cinema e homenageia os cem anos da animação no Brasil –, e para o projeto *Contos Estranhos*, que leva quadrinhos produzidos por quatro artistas capixabas à internet.

Boa leitura! ■

Hilal visita o mundo infantil criando barco

Caderno **D**

Revista de Cultura do
Diário Oficial do Espírito Santo

GOVERNO DO ESTADO

PAULO CÉSAR HARTUNG GOMES
Governador

CÉSAR ROBERTO COLNAGO
Vice-Governador

DAYSE MARIA OSLEGHER LEMOS
Secretária de Gestão e Recursos Humanos



GOVERNO DO ESTADO
DO ESPÍRITO SANTO

DIO
MIRIAN SCÁRDUA
Diretora-presidente

SÉRGIO RICARDO DE OLIVEIRA EGITO
Diretor de Produção e Comercialização

MARIA BEATRIZ BARROS KILL
Diretora Administrativa e Financeira

SECULT
JOÃO GUALBERTO M. VASCONCELOS
Secretário de Estado da Cultura

Coordenação de produção
Sérgio Egito e Stephanie Oliveira

Edição, redação e revisão
Companhia de Comunicação

Projeto gráfico e editoração
Comunicação Impressa

Jornalista responsável
Cláudio Rocha

Impressão
Gráfica do DIO

Este Caderno pode ser acessado no site www.dio.es.gov.br



A popularidade do Festival de Cinema de Vitória cresce a cada ano

O vigor do *Festival de Vitória*

MESMO COM A CRISE ECONÔMICA, A 23.^a EDIÇÃO TEM RECORDE DE INSCRITOS E HOMENAGEM ÀS MULHERES QUE FAZEM CINEMA

Os recursos arrecadados com patrocínio estão mais escassos e o tempo não parece mesmo dos melhores para a inversão em cultura – até a Prefeitura de Vitória recuou nos investimentos e está fora, este ano, pela primeira vez do rol de apoiadores/patrocinadores do Festival de Cinema de Vitória. Mas os imbróglis gerados pela crise que também afetam a cultura não chegaram com a força

esperada ao evento. Com menos dinheiro, a coordenação do Festival vai diminuir o número de oficinas (será oferecida apenas uma), mas o apetite de quem produz cinema no país continua crescendo e, na sua 23.^a edição, o “Cine Vitória” tem número recorde de inscritos.

“A crise nos afetou, vamos oferecer apenas uma oficina, mas o Festival já se solidificou e todos querem participar. Além disso,

a produção independente, que sempre conviveu com a falta de recursos, continua crescendo”, justifica a diretora-executiva do Festival de Vitória, Larissa Delbone.

A quantidade de inscritos, que atingiu a 706 filmes, tem 50 obras a mais que em 2015. Ao todo, participam da seleção produções de todas as regiões do país, vindas de 23 estados e do Distrito Federal. O Festival de Cinema de Vitória será realizado entre 14 e 19 de novembro deste ano e, segundo a diretora-executiva, voltará para sua primeira sede, o antigo Cine-teatro Glória, agora Sesc Glória, no centro de Vitória.

Na programação do Festival estão: a 6.^a Mostra Competitiva Nacional de Longas, a 20.^a Mostra Competitiva Nacional de Curtas, a 5.^a Mostra Corsária, a 5.^a Mostra Foco Capixaba, a 6.^a >>



Foto: Arquivo Galpão Produções/Augusto Louzada

Por muitos anos o Festival ofereceu oficinas e sessões exclusivas para crianças

Mostra Quatro Estações, a 3.^a Mostra de Filmes de Animação e o 17.^o Festivalzinho de Cinema.

A escolha dos filmes premiados será feita por júris formados por profissionais com reconhecida inserção e carreira na área audiovisual. Este ano a curadoria do Festival será feita pelo professor e cineasta Erly Vieira Jr., a roteirista e diretora Ivi Roberg, o diretor Juliano Salgado, o jornalista e crítico de cinema Rodrigo Fonseca e a programadora e produtora Rosimeri de Assis Barborosa. A direção geral do Festival de Vitória é de Lucia Caus.

A realização do evento é da Galpão Produções e do Instituto Brasil de Cultura e Arte (IBCA) e conta com o patrocínio do Ministério da Cultura, por meio da Lei de Incentivo à Cultura, da Petrobras, do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) e da Rede Gazeta. O Festival tem ainda parceria do Governo do Estado e apoio cultural do Instituto Sincades (Sindicato do Comércio Atacadista e Distribuidor do Espírito Santo).

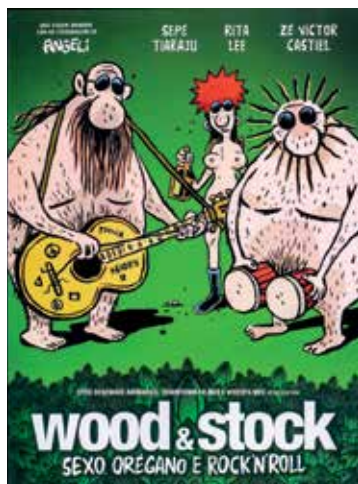
A maior importância do evento capixaba, na visão da diretora Larissa Delbone, é o intercâmbio de profissionais do

audiovisual do Estado com o de todo o país e a formação de plateia para o cinema produzido no Brasil, além de contribuir com o desenvolvimento da linguagem e técnica de produção de curtas e de longas-metragens.

Homenagens

No 23.^o Festival de Cinema de Vitória a grande novidade será a Mostra Mulheres no Cinema, em tempos que o movimento feminista volta a crescer, enche os pulmões, especialmente nas redes sociais, e começa a afetar com mais força a sociedade. Segundo Larissa, a mostra é um reconhecimento ao protagonismo da mulher no movimento audiovisual. Dados da Agência Nacional do Cinema (Ancine) revelam que nos últimos 20 anos, 19% dos filmes foram dirigidos, exclusivamente, por mulheres. Essa realidade se repete no Festival de Vitória, levado em conta as inscrições feitas para o evento: 20% das produções inscritas são dirigidas por mulheres.

Tudo isso acontece em um momento que os estudos sobre a relação entre o feminismo e o cinema crescem, por meio de acadêmicos, críticos de cinema



O primeiro e o último sucesso de Otto Guerra no Cinema, homenageado pelo Festival de Vitória

CURADORAS DA MOSTRA DO CINEMA DE MULHER

- ▶ Saskia Sá (coordenadora)
- ▶ Lara Toledo
- ▶ Tamyres Batista Costa
- ▶ Samyra Neto
- ▶ Isabela Faria

nas mídias e blogueiros.

Mas as homenagens do Festival de Vitória não param aí. Os cem anos da animação no Brasil, completados neste ano, também serão lembrados e o cineasta Otto Guerra, uma referência no segmento, será homenageado no evento. Ele dirigiu “Wood & Stock: Sexo, Orégano e Rock’n’roll”, com base na obra do cartunista Angeli, há dez anos.

Otto Guerra criou, em 1978, a produtora Otto Desenhos Animados. Desde então, produziu centenas de filmes que vão da publicidade ao longa-metragem. Seu último longa foi “Até que a Sbornia nos Separe”, que entrou em circuito comercial em 2015. No momento, a produtora prepara o seu quarto longa-metragem, “A Cidade dos Piratas”, que deve ser lançado em 2018.



O cinema de mulher

SASKIA SÁ*

No início de setembro tínhamos nas salas de cinema de Vitória 14 filmes em cartaz. Sete produções norte-americanas e apenas quatro brasileiras. Na Região Metropolitana, Vitória é uma exceção em diversidade cultural nas salas de cinema – além das salas comerciais dos shoppings, temos o Cine Jardins e o Cine Metrôpolis, que presam por uma programação heterogênea, privilegiando cinematografias que não somente a produzida em Hollywood.

Se observarmos as produções em cartaz pelo recorte de gênero nas funções principais de direção e roteiro, vemos que a diversidade é ainda menor. Onze são roteirizadas e dirigidas por homens, principalmente brancos e norte-americanos. Somente três trazem mulheres nas funções de comando: “Nerve”, roteiro de uma mulher e direção de dois homens, “A Bela e a Fera”, dois diretores homens e uma mulher roteirista, entre quatro homens, e “Um namorado para minha mulher”, uma diretora que é também roteirista, ao lado de uma mulher e um homem.

O audiovisual reflete as contradições sociais nos temas e na estrutura de produção. Contradições que permitem que apenas algumas produções com certos conteúdos cheguem às telas. Por esse simples recorte da programação das salas de Vitória, percebemos que a produção audiovisual que chega ao público local está bem longe da diversidade cultural – a maior parte é criada e pensada por homens brancos de origem cultural anglo-saxônica. Isso nos diz que o cinema que o público consome nas salas comerciais não dialoga com essa diversidade. Essa produção está nas mãos de uma pequena parcela de criadores/produtores que, através do cinema, tem o privilégio de construir

os imaginários do público com suas histórias e visões de mundo.

Existe ainda um funil entre o que consegue ser filmado e aquilo que chega às telas. Nosso pequeno parque exibidor (pouco mais de 2 mil salas) é quase todo ocupado por esta cinematografia que pouco tem a ver com as questões culturais brasileiras.

Mesmo o que é produzido no país é pouco representativo de um pensamento plural em termos de gênero. Grande parte dos diretores e roteiristas brasileiros que conseguem produzir seus filmes são, também, homens brancos. São eles que conseguem financiamento mais facilmente. Desses filmes, poucos chegam às telas e, dos que chegam, menos ainda são filmes com mulheres na direção.

Porém, algo está mudando. As realizadoras não querem mais ser apenas as musas/objetos dos filmes criados por homens e têm se posicionado com veemência em busca de seus espaços nas funções criativas, para contar histórias a partir das suas perspectivas. Outros grupos também têm se organizado para exigir uma maior diversidade que se reflita na temática e na composição das equipes dos filmes, dando maior diversidade a esse cenário tão branco e tão masculino.

Por isso, fico agradavelmente surpresa quando vejo o 23.º Festival de Cinema de Vitória olhar com cuidado para a diversidade da produção brasileira nesta edição, com o recorde de 141 filmes inscritos dirigidos por mulheres. Esse número expressivo trouxe a necessidade de se pensar em uma programação especial originando a Mostra Mulheres no Cinema, da qual sou a curadora da seleção junto com outras mulheres. Para montar a grade, privilegiamos filmes que, além de serem dirigidos por mulheres, dialogam com temas de importância

para o universo feminista. Além disso, a organização do Festival criou uma cota de 20% de filmes dirigidos por mulheres nas grades das outras mostras do evento.

Em quase um ano e meio trabalhando com essas questões nas sessões cineclubistas das Feministas de Quinta, no Cine Metrôpolis, tenho me deparado com a dificuldade de encontrar filmes que sejam não só pensados a partir do nosso olhar, como sobre os temas que nos importam.

Muitas vezes nos perguntamos onde podemos encontrar a filmografia dessas maravilhosas realizadoras, que enfrentam uma luta tão desigual para colocar nas telas as suas histórias? Onde estão as salas que exibem os nossos filmes? Onde estão os filmes protagonizados por mulheres que vivam vidas mais reais do que as das mocinhas padronizadas por Hollywood?

Queremos ver as histórias que escrevemos e dirigimos. Queremos ver os filmes sobre mulheres de todas as idades e cores, que amem de todas as formas, que decidam sobre suas vidas sem a chancela do macho, que lutem por seus sonhos, que vivam histórias de amizade e de justiça, que protagonizem o mundo do cinema como sonhamos protagonizar a vida real, sem que para isso corramos o risco de sermos silenciadas, violentadas ou mortas.

Queremos outro mundo possível no cinema para as mulheres, assim como queremos outro mundo real possível para todas nós. E esse é só o começo. Nossos filmes serão feitos e serão vistos. Que venham muito mais iniciativas como a Mostra Mulheres no Cinema do Festival de Vitória. ■

Saskia Sá é cineasta, presidente da Organização dos Cineclubes Capixabas (Occa) e proprietária da Horizonte Líquido Produções Culturais

As estrelas de Hilal

ALUNOS DE ESCOLAS PÚBLICAS PARTICIPAM DA PRODUÇÃO DE OBRA NA EXPOSIÇÃO CONSTELAÇÕES, DE HILAL SAMI HILAL, NO PALÁCIO ANCHIETA

Ver o seu nome e parte do seu trabalho na obra coletiva que dá nome a exposição Constelações, em “cartaz” no Palácio Anchieta até 6 de novembro, é uma emoção que o adolescente Lourenço Sodré dos Santos, de 16 anos, levará para toda a vida. “Nunca pensei que participaria da obra de um artista tão importante”, conta o aluno do

segundo ano do Ensino Médio da Escola Viva São Pedro.

Lourenço foi um dos 2,5 mil alunos da rede pública que participaram da produção da obra comandada por um dos principais artistas plásticos do estado, Hilal Sami Hilal, que projetou a exposição.

Como o colega, Raquel Pereira Santos, também com 16

anos e no segundo ano da Escola Viva São Pedro, preparou-se para desempenhar o seu papel de “artista”, compondo a obra de Hilal. Ela adorou a experiência. “Foi muito legal participar, produzir os nomes, colocar a minha emoção e um pouco da minha personalidade. O contato com o artista foi muito legal.”

Para fazer parte do “elen-



Coro formado por alunos da Escola Viva São Pedro interpretou a música “Nomes”, de Sérgio Benevenuto, na abertura da exposição

Foto: Arquivo Secuir/Daniilo Ferraz

co de alunos artistas”, Raquel e Lourenço passaram por oficinas que ajudaram a entender o processo de produção para a obra coletiva e de papel artesanal, que foi usado para que os estudantes colocassem os nomes escolhidos no projeto.

Preparação

Inspirada em “Noite Estrelada”, de Van Gogh, “Constelações” começou a ser produzida em abril. Acompanhado por uma equipe multidisciplinar, composta pela psicanalista Ruth Ferreira Bastos, o educador Laércio Ferracioli e a curadora Neuza Mendes, o artista plástico Hilal Sami Hilal promoveu workshops para os diretores e os professores de sete escolas da rede estadual de educação da Região Metropolitana de Vitória. Durante os encontros, o artista falou sobre a experiência com a arte, da “Constelação” e da evocação da memória pessoal ou coletiva, articulando a noção de identidade.

“Nessa exposição, as constelações se formam pela reunião de nomes, caligrafias, memórias e afetos, dores e alegrias. A suposição é de que será possível a reconfiguração de lembranças e reminiscências perdidas. E cada instalação é representada por seus atributos, símbolos de memória e reconstrução, que implicam reviver conteúdos que estão na base da construção da nossa identidade”, enfatiza a curadora Neuza Mendes.

Os nomes para a composição da obra coletiva, que dá nome à exposição, foram praticamente desenhados: o papel macerado foi injetado em bisnagas como as de confeitários, de onde brotaram as caligrafias dos participantes.

Os encontros com os alunos quebraram a rotina solitária de produção do artista plástico Hilal Sami Hilal. “Essa experiência nova foi muito gratificante e tocante. Escrever o nome de parentes, de pessoas queridas, mexe muito com o imaginário.”

A proposta do artista foi exatamente fazer os alunos refletirem sobre identidade, cidadania, pertencimento e afeto. “O que mais me tocou foi me aproximar da realidade deles, das suas alegrias e das suas tristezas. Cada nome escolhido traz uma lembrança, uma relação de afeto. Cada nome é uma estrela”, explica Hilal.

Para ele, o mais importante foi provocar uma reflexão mais social, mais engajada. E toda essa discussão fica mais forte porque a exposição, dentro de um símbolo de poder como o Palácio Anchieta, permite um debate sobre o público e o privado, demonstrando que o que é administrado pelo poder público pertence a todos.

A professora de Artes da Escola Viva, Jéssica Galon da Silva Macedo, ficou entusiasmada com a experiência. “Trabalhar com a presença de um artista em sala de aula, trazer a arte para tão perto dos alunos é muito novo e prazeroso. Extrapolamos a sala e o muro da escola. Abrimos, para o aluno, a porta do mundo da arte, que é muito novo para ele.” Para desenvolver as oficinas, ela conta que trabalhou a técnica de produção de papel artesanal em sala de aula.

Jéssica explica que a reação dos alunos às oficinas e a produção da obra coletiva foi muito positiva. “Todos participaram com muita energia. Queriam se ver, trabalhar a sua existência”, disse a professora.

Foto: Arquivo Secult/Damilo Ferraz



Hilal visita o mundo infantil criando avião de papel

Além de participar da produção da obra coletiva, escrevendo nomes de pessoas próximas no papel artesanal, que dão forma a constelação, alunos da Escola de São Pedro formaram o coral que cantou a música “Nomes”, composta pelo músico Sérgio Benevenuto especialmente para a exposição, com abertura em Vitória no dia 4 de agosto último. A exposição Constelações já foi apresentada, antes, em Bagé, no Rio Grande do Sul, em julho de 2013.

Roteiro

A exposição no Palácio Anchieta leva os visitantes a uma experiência bem diferente, com referências poéticas. O objetivo é fazer o público refletir sobre identidade, memória e afeto.

A mostra conta com três grandes instalações, que unem a um objeto-livro. “Para o meu amor passar” é a instalação que recebe os visitantes e os conduz ao universo poético do artista. Inspirada na cantiga popular, a instalação “Se essa rua fosse >>

Foto: Arquivo Secult/Daniilo Ferraz



A piscina, como um grande mundo, é composta por água, papel macerado, glicerina e pigmento

Um pouco mais de Hilal

O artista multimídia Hilal Sami Hilal é formado em artes plásticas pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), onde virou professor pouco depois de formar. Em 1996, deixou a sala de aula para se dedicar, integralmente, à produção artística e, no mesmo ano, participou da Mostra Brasil: Papel Feito à Mão, no Equador. No ano seguinte, expôs no 25.º Panorama da Arte Atual Brasileira, no MAM/SP, e em coletivas na Índia e no Líbano. Pouco depois, seu trabalho ganhou projeção em outros países, como Alemanha, França, Espanha e Estados Unidos. Em 2002, recebeu o prêmio do júri na 8.ª Bienal Paper Art, Turbulenzen in Papier, em Düren, Alemanha. Em 2007, faz no Museu Vale, em Vila Velha, uma grande individual que depois foi apresentada no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro - MAM/RJ e no Sesc Pompeia. Também em 2007, participou da coletiva Radical Lace & Subversive Knitting, no Museum of Arts and Crafts, de Nova York. Hilal estudou o uso de técnicas de utilização de papel artesanal no Japão.

minha” ocupa uma área de 250 metros quadrados, com 40 mil “pedrinhas de brilhante” incrustadas em oito mil ladrilhos cinza chumbo.

Antes de chegar à obra-título, a exposição tem dois outros trabalhos monumentais, que fazem parte da série “Deslocamentos”. O primeiro é uma “piscina” – obra inédita – com 5,6 metros de diâmetro. Na água, papel macerado, glicerina e pigmento, flutuando como um grande mundo cuja forma constitui uma paisagem real em movimento. Um objeto-livro é o trabalho seguinte, que também produz sua própria direção: numa inclinação de 30 graus, pranchas imensas de papel artesanal que se prolongam por todo o espaço do local. No caminho, Hilal produziu objetos do mundo lúcido das crianças, como barco e avião de papel, inspirado no neto.

Esse percurso leva à obra coletiva Constelações, que dá nome à mostra. Nela, alunos marcaram

no trabalho dez mil nomes de pessoas que apresentam relação afetiva em suas vidas. Produzida em papel artesanal colorido sobre tecido transparente, as caligrafias são refletidas por espelhos em toda a extensão do teto.

“Nessa exposição, as constelações se formam pela reunião de nomes, caligrafias, memórias e afetos, dores e alegrias. A suposição é de que será possível a reconfiguração de lembranças e reminiscências perdidas. E cada instalação é representada por seus atributos, símbolos de memória e reconstrução, que implicam reviver conteúdos que estão na base da construção da nossa identidade”, enfatiza a curadora Neusa Mendes.

A exibição vai até o dia 6 de novembro e o evento é aberto ao público. A curadora Neusa Mendes é pesquisadora e crítica de arte da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). A produção é da 4 Art Produções Culturais.

Foto: Arquivo Secult/Daniilo Ferraz



Diversidade no Palácio

JOÃO GUALBERTO*

Os espaços culturais no Século XXI – como os museus, por exemplo – ampliaram seus horizontes e democratizaram suas ações, abrindo-se de forma radical para a inclusão tanto na produção daquilo que será exposto quanto em seu acesso. Não foi por outro motivo que o governo estadual desde o final da gestão anterior do governador Paulo Hartung abriu de forma republicana o Palácio Anchieta como espaço de vivência da cultura.

Ele abriga neste momento (e até o dia 6 de novembro) a exposição Constelações do importante artista capixaba Hilal Sami Hilal. Trata-se da terceira exposição no atual governo Paulo Hartung, trazendo ao público as obras de três pesquisadores e artistas capixabas com diferentes performances e atuações. Mas elas foram todas escolhidas

dentro de mesmo critério, decorrente da proposta construída para o espaço.

Vejamos, a primeira, de caráter científico, Corpo Humano: da Célula ao Homem, foi realizada entre 9 de junho e 13 de setembro do ano passado. Ela contou com 280 peças do Museu de Ciências da Vida da Universidade Federal do Espírito Santo e teve a curadoria do professor doutor Athelson Stefanon Bittencourt, um grande pesquisador capixaba de prestígio internacional. No período em que ficou exposta, foi visitada por mais de 42 mil pessoas.

Depois veio a exposição histórica inédita Postais do Espírito Santo: Acervo do Monsenhor Jamil Abib, construída a partir de um longo projeto de pesquisa do professor Paulo de Bastos, reconhecido estudioso capixaba da arte fotográfica. Foram mais de 300 exemplares – produzidos entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, período de seu apogeu artístico –, com registros dos aspectos, dos costumes, da história e da arquitetura local. A exposição foi produto de forte elaboração intelectual e artística. Visitada por quase 20 mil pessoas, teve na chamada visitação espontânea mais de 15 mil pessoas, atestando seu sucesso.

Agora os capixabas podem apreciar Hilal no Palácio Anchieta, importante artista capixaba que trabalha o espaço como uma instalação. Ou seja, projeto que dialoga com a arquitetura interior. É a primeira vez que o Palácio se trans-

forma desta maneira. Isso abre uma nova interpretação da utilização do lugar, mostrando uma multiplicidade de usos e narrativas. Como registrou o próprio Hilal em artigo no Caderno Pensar, de A Gazeta, do dia 30 de julho passado, para explorar ainda mais a poética da obra ele convidou para a curadoria Neusa Mendes, que, em conjunto com a psicanalista Ruth Bastos e o físico Laércio Ferracioli, aprofundou a visão sobre o trabalho através da análise sob o ponto de vista da interpretação crítica, da psicanálise e da ciência.

Sete escolas da rede estadual foram convidadas para participar do projeto Constelações escrevendo seus próprios nomes, dos seus entes queridos e dos seus heróis. Hilal teve como meta – segundo seu depoimento no mesmo artigo – ter aproximadamente 10 mil nomes, 10 mil estrelas. Dois mil e quinhentos alunos, professores e assistentes ajudaram na elaboração da obra. Esse seu caráter enche de significado nosso espaço. É disso que se trata.

Finalizando, a proposta do Espaço Cultural Palácio Anchieta é permitir que seus visitantes conheçam os diferentes aspectos que a criação visual abrange. Para os jovens, esses são os tempos das novas interpretações e atuações no universo existencial e também de propor uma reflexão sobre todas essas possibilidades. Arte, ciência e história, este encontro maravilhoso que anima hoje o mundo dos museus e espaços criativos. ■

A Roda é mais uma obra lúdica da exposição de Hilal

(*) João Gualberto é Secretário de Estado da Cultura



Arte que liberta

REGIANE KIEPER DO NASCIMENTO*



Foto: Arquivo Sejus

No projeto “Mãos que Falam”, os detentos participam de oficinas e de um concurso

O USO DA ARTE COMO FERRAMENTA DE REINserÇÃO SOCIAL DE DETENTOS NO ESPÍRITO SANTO

O principal desafio da Secretaria de Estado da Justiça (Sejus), responsável pela administração do sistema prisional do Estado, é oferecer às pessoas privadas de liberdade condições dignas de reintegração social.

Nesse contexto, o Governo do Estado pauta seu programa de reintegração social no tripé trabalho, qualificação profissional e educação. O objetivo é aumentar a escolaridade, qualificar e inserir o preso no mercado de trabalho ainda durante a privação de liberdade. Nos últimos anos, a arte também passou a ser uma das ferramentas usadas

nesse processo.

A adoção desse novo modelo, que valoriza o estímulo à cultura, está ajudando muitos detentos a se conhecer melhor, a descobrir novas aptidões e até mesmo a ter uma futura profissão, despertando a possibilidade e o desejo de uma nova vida em sociedade.

Por meio de diversas manifestações artísticas, como pintura, música, artesanato e teatro, detentos do sistema prisional capixaba têm se preparado para a vida em liberdade explorando o fazer artístico.

Para aqueles que estão cumprindo suas penas em uma

das 35 unidades prisionais administradas pela Sejus, os projetos ligados à arte proporcionam momentos de reflexão e de autoconhecimento, contribuindo para uma rotina mais tranquila e saudável.

O trabalho artístico também ajuda a recuperar a autoestima dos internos e permite a eles expressarem seus sentimentos. Muitos detentos descobrem ou desenvolvem um talento artístico ao participar das oficinas nas unidades onde estão custodiados. Além dos benefícios terapêuticos, a produção também pode gerar renda, especialmente no caso do artesanato.

Por meio de parcerias, a produção dos detentos foi exposta em eventos como a Feira Nacional do Artesanato do Espírito Santo (ArteSanto) e nas mostras de decoração Morar Mais Por Menos e Casa Cor Espírito Santo.

Atualmente, a principal iniciativa da Sejus na área artística é o projeto “Mãos que Falam”, que neste ano chega à sua terceira edição. O projeto trabalha com a pintura em tela, sempre com um tema específico, e culmina em um concurso com participação aberta aos internos de todas as unidades.

Com apoio da iniciativa privada, eles recebem material para produzir os quadros e participam de oficinas de pintura. Ao final, uma comissão julgadora escolhe os três melhores trabalhos nas categorias masculino e feminino.

Em 2014, 67 detentos, de 15 unidades, participaram da competição, que teve como tema “Meu Brasil Brasileiro”. Já no ano passado, foram 87 inscritos, de 18 presídios, que pintaram quadros com o tema “Terra: Planeta Água”. Neste ano, com o objetivo de divulgar os pontos turísticos e as belezas do Estado, o tema do concurso será “#AmorES”. Os vencedores

devem ser conhecidos no final de novembro.

Além do reconhecimento do concurso, a Sejus também expõe os trabalhos dos internos que se destacaram em shoppings da Grande Vitória, na Assembleia Legislativa e no Edifício Fábio Ruschi, no Centro de Vitória.

Além do “Mãos que Falam”, que abrange um número maior de unidades prisionais, há outras iniciativas que merecem destaques, como os projetos “Reabilitarte” e “Atelier da Cidadania”.

Atualmente desenvolvido na Penitenciária de Segurança Média I, o Reabilitarte conta com a participação de 20 internos. São detentos acima de 50 anos ou aqueles que possuem algum problema de saúde. Nesta iniciativa, os internos pintam quadros e produzem peças em tricô e crochê, como tapetes, bolsas, redes e toalhas de mesa.

Os internos que participam do projeto não recebem remuneração, mas são beneficiados com a remição da pena. A cada três dias trabalhados, um é abatido da pena.

Já no projeto “Atelier da Cidadania”, na Penitenciária Estadual de Vila Velha V, internos usam materiais recicláveis

Foto: Arquivo Sejus



Detentos com mais de 50 anos ou com problemas de saúde podem participar, na Penitenciária de Segurança Média I, do Reabilitarte

como garrafas PET, resíduos de sabonete, potes plásticos e couro ecológico na produção de artesanato.

No ano passado, 18 internos que participam das duas iniciativas receberam a Carteira do Artesanato Brasileiro, em uma parceria da Sejus e da Agência de Desenvolvimento das Micro e Pequenas Empresas e do Empreendedorismo (Aderes). Com o documento, os internos passaram a ter acesso a benefícios como a participação em feiras e incentivos como isenção do ICMS.

Dessa forma, a Sejus oferece aos internos sob sua responsabilidade, um sistema prisional mais humanizado, com condições dignas de reintegração social em um ambiente seguro, que propicia aprendizado e abre novas possibilidades para o futuro em liberdade.

Em conjunto com a educação formal, a qualificação profissional e o trabalho, a arte é um instrumento importante para que o processo de ressocialização ocorra e as pessoas privadas de liberdade retornem à sociedade transformadas, com novos olhares e objetivos e mais bem preparadas para que não voltem a reincidir no crime. ■

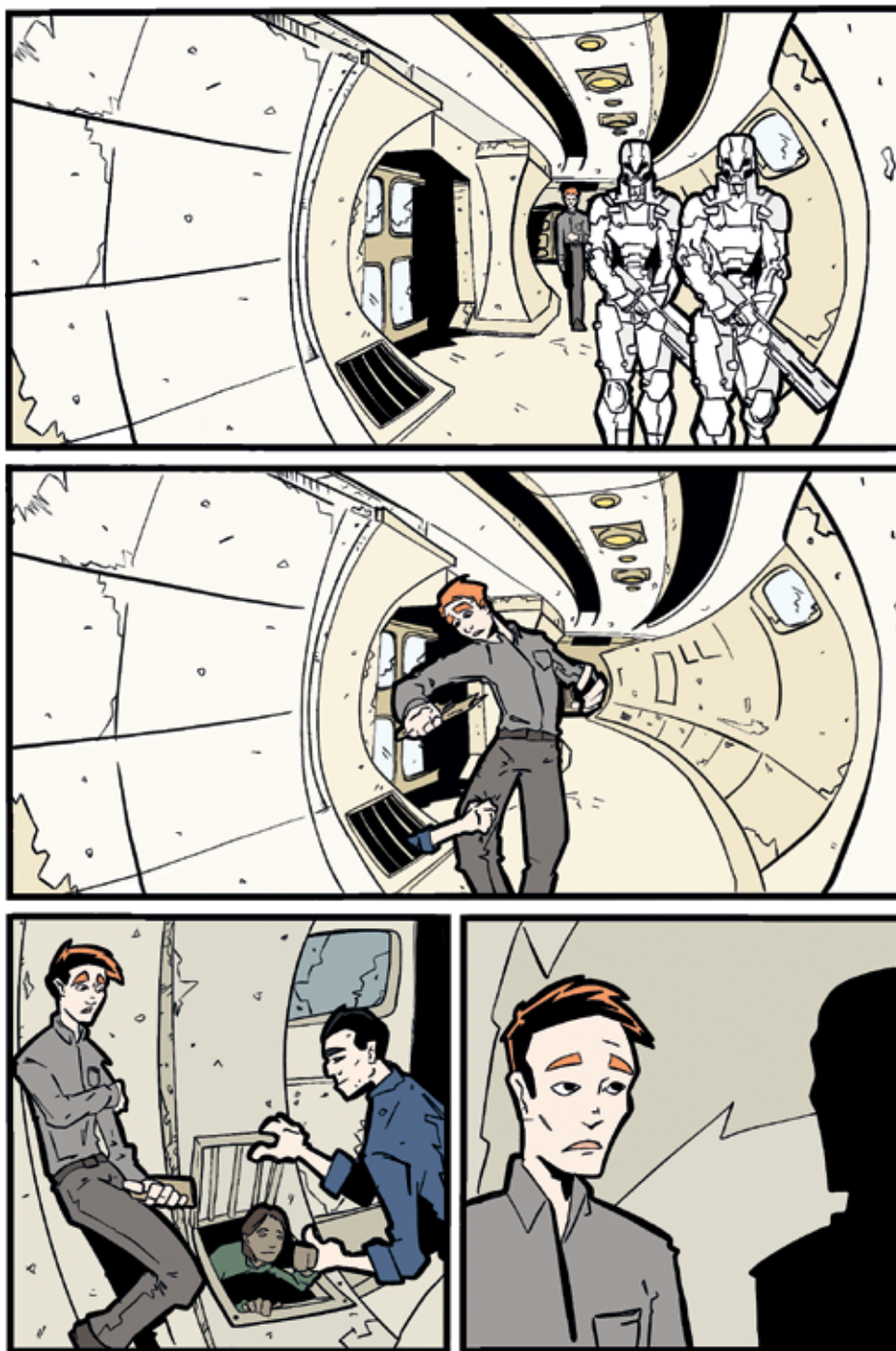
⁽¹⁾Regiane Kieper do Nascimento é gerente de Educação e Trabalho da Secretaria de Estado da Justiça



Outra iniciativa cultural da Sejus é o uso na música no trabalho de ressocialização dos presos

Estranhos contos de **Sucesso**

PROFISSIONAIS CAPIXABAS LANÇAM HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NA INTERNET PARA DESPERTAR O INTERESSE PELA LEITURA



A Balsa, o terceiro conto do projeto, é uma obra de ficção científica do grupo

Que era apenas um desejo de amigos de produzir histórias em quadrinhos virou um projeto artístico que, se ainda não rende os dividendos esperados, abriu a porta para que esses profissionais começassem a dar os primeiros passos para tentar viver desse grande sonho. Com os seus “Contos Estranhos”, nome de batismo do projeto cultural de publicação de quadrinhos na internet, o roteirista Silvio Alencar, os desenhistas Henrique Gonçalves e Manoel Moraes e a colorista e desenhista Daieny Schuttz ganham espaço e gosto popular na *Web*.

O projeto Contos Estranhos, que segue os passos de um gênero de quadrinhos baseado em histórias de suspense, terror, ficção científica e fantasia, foi idealizado pela dupla Alencar e Gonçalves. Eles já militam no ramo há algum tempo e, hoje, começam a colher os frutos da repercussão do trabalho. O projeto foi contemplado com o Edital de Incentivo à Leitura da Secretaria de Estado da Cultura (Secult). “Sem o edital da Secult, acho que não teríamos começado. Ajuda no *start* do empreendedorismo cultural porque nos dá visibilidade e nos possibilita, com isso, começar a explorar o projeto ou o nosso trabalho comercialmente”, explica o roteirista.

Moraes e Daieny se juntaram à dupla para dar mais força e

fôlego ao projeto, que tem como proposta lançar duas páginas de quadrinhos por semana. Até agora, já foram publicadas três histórias: Clube do Ócio Criativo, O Anúncio e A Balsa.

A decisão de emplacar seus quadrinhos na internet, segundo Alencar, tem por objetivo atingir mais o público jovem e, claro, fomentar a leitura. “Comecei a ler alimentado pelas revistas em quadrinhos.”

A inspiração para suas histórias, especialmente com um forte componente de suspense e terror, gêneros que seduzem Alencar, vem de escritores famosos como Edgar Allan Poe, Agatha Christie, Howard Phillips Lovecraft e Virginia Woolf. Aliás, o primeiro *webcomics* do projeto, o Clube do Ócio Criativo, vai além: transforma os escritores em personagens que tentam desvendar um crime. A história se desenvolve em torno de uma chacina feita em um cinema.

As outras duas histórias já veiculadas falam de um anúncio do bíblico julgamento final, em O Anúncio, e de uma estação especial que entra em colapso, em A Balsa. Se você ficou curioso, vale a pena conferir as histórias, com enredo refinado e traços finos, no site <http://contosestranhos.com.br/>.

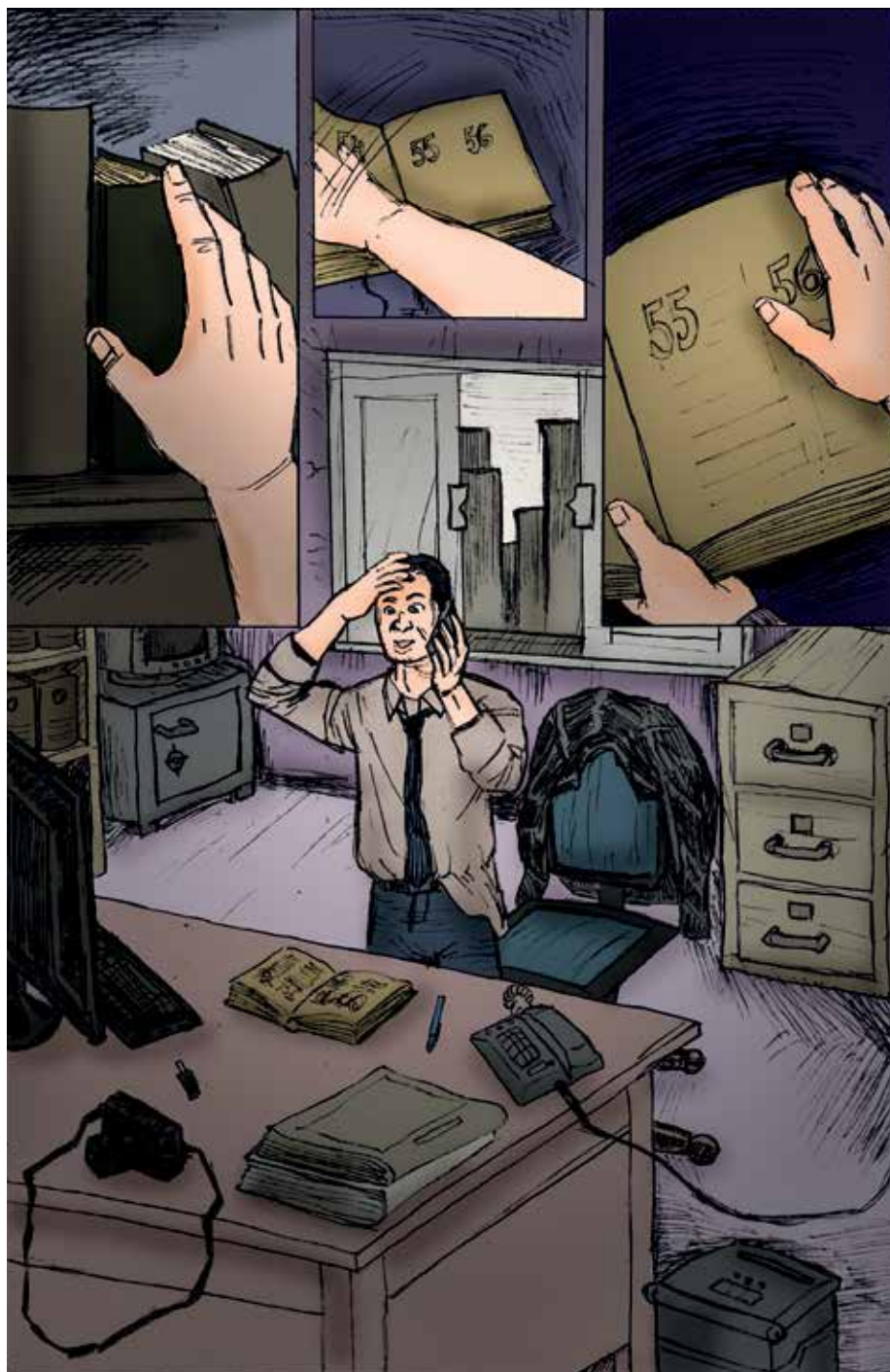
A experiência e os quadrinhos

O sucesso dos quatro artistas capixabas que formam o projeto Contos Estranhos começou de forma muito diferente. A dupla formada pelos publicitários Silvio Alencar, também programador visual, e Henrique Gonçalves, que

acumula a formação em Artes Plásticas, já começava a aparecer no Estado com os quadrinhos Conto da Ilha de Santônio, também selecionado pelo Edital da Secult de 2013.

Na primeira história conhecida da dupla, a personagem central é Ana, mulher que dei-

xa Santa Teresa, no interior do Estado, para morar em Vitória. A trama, que se desenvolve em 1928, homenageia a escritora capixaba Maria Antonieta Tatagiba, também personagem do conto, e fala da relação da protagonista com uma criança, de quem seria babá para sobreviver na Capital.



O Anúncio é o segundo dos Contos Estranhos do grupo capixaba



O clima sombrio de O Anúncio, uma característica do projeto

“Sempre quisemos fazer quadrinhos, eu e o Henrique. Depois agregamos o Manoel, que é um amigo de longa data, e a Daieny”, conta Alencar. A opção pela internet, segundo o roteirista, tem relação com o alcance do público. “Em um mês de projeto no ar, tivemos mais de mil acessos. É uma forma de cumprir o papel do projeto, de incentivar a leitura, e de divulgar melhor o trabalho.” Claro, Contos Estranhos tem também *fanpage*, que com cerca de dois meses de existência, já tem 1,5 mil curtidas (até 7 de setembro).

“É muito bom fazer o que se gosta. É muito maneiro escrever histórias, ter seu trabalho publicado. Não tem trabalho que eu goste mais”, dispara Alencar.

O talento de Alencar e seus colegas já garantem trabalhos extras e uns ganhos a mais. Por exemplo, é dele o roteiro de 12 quadrinhos sobre direitos trabalhistas, contratado e publicado pelo Ministério Público do Trabalho. Alencar é autor, também, do livro de contos *O Carregamento e Outras Histórias* e faz parte do Clube de Autores.

A caçula do grupo, Daieny Schuttz, tem 22 anos, e está no último ano do curso de Design na Ufes. Ela trabalha como freelancer de design e de ilustração e desenvolve um projeto permanente de postar todos os dias um novo desenho nas páginas <https://www.facebook.com/daienypage/> e <http://daieny.deviantart.com/>. Já são mais de mil desenhos.

De quadrinhos, além de *Contos Estranhos*, Daieny tem algumas tirinhas de seus personagens Chatty e o Pupu, que podem ser vistos no site <http://daieny.com/leitura/>.

O futuro

A repercussão do projeto, explica o roteirista Silvio Alencar, garante a continuidade do trabalho. O que significa que novas histórias estão engatilhadas. “Já tenho outros cinco roteiros prontos.”

A ideia é reunir outros aficionados pelos quadrinhos na Web para propor um financiamento coletivo, segundo Alencar. Ele diz que a procura de outros “quadrinistas” por contato com a trupe do Contos Estranhos, cresce a cada dia. “Eles querem participar e estamos pensando em abrir para os interessados.”

O público, em geral formado por adultos, pode se diversificar. O time capixaba já prepara uma história infantil, que é mantida sob segredo de estado.

A mais nova do projeto, Daieny Schuttz, prepara alguns projetos pessoais. No último ano do curso de Design, na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), ela encaminha o próximo projeto a partir do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), que pretende desenvolver com produção e pesquisa sobre a narrativa de um *mangá* (história em quadrinhos em Japonês).

“Tenho como projeto a Arakya <http://daieny.com/arakya/>, que é meu TCC. Depois de finalizar a Arakya, vou dar início a outros projetos de histórias em quadrinhos, tanto em *comics* quanto em *mangá*”, conta Daieny. ■

Ócio Criativo é o primeiro trabalho publicado no site do projeto Contos Estranhos



